

**QUADRINHO É TEXTO, NÃO PRETEXTO:  
O USO DE TIRAS, CHARGES E CARTUNS NO LIVRO DIDÁTICO**

Alba Valéria Tinoco Alves Silva

Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil

**RESUMO**

Este trabalho traz alguns resultados do projeto de pesquisa “Leitura de traços de humor”, que se encontra em andamento, desde 2010, no Instituto de Letras da UFBA, e tem como referencial teórico os trabalhos de Barbosa (2009), Eco (1979), Eisner (1989), Joly (1996), Mankoff (2002), McCloud (1994), Morin (1973), Possenti (1998, 2010), Ramos (2009, 2011) e Barbosa (2009), entre outros. O objeto da pesquisa são alguns gêneros textuais que, tendo em vista a produção de humor, são constituídos pela interação de linguagens verbais e visuais, mais especificamente charges, cartuns e tiras cômicas, e tem como objetivo a ampliação de competências de leitura de alunos universitários, através da construção de material para o ensino-aprendizagem de leitura voltada para tais gêneros. O projeto originou-se da percepção da dificuldade apresentada por alunos de graduação na compreensão dos gêneros em questão, quando da sua utilização em sala de aula. Sua justificativa é a crença de que a capacitação heurística do aluno na leitura de cartuns, charges e tiras cômicas possa tornar-se um instrumental útil no desenvolvimento das habilidades de leitura em si. Isso porque a leitura desses tipos de gênero carrega para si, grosso modo, talvez, justamente as questões mais problemáticas da leitura verbal, tais como a intertextualidade, o duplo sentido, a elipse, a compreensão global do texto etc. Uma de suas hipóteses é que o desempenho sofrível de universitários na compreensão de tais gêneros decorre do fato de que, apesar de sua presença nos livros didáticos desde os anos 90, as tiras, charges e cartuns estão sendo usados, muitas vezes, para ensinar gramática e não leitura. Esta comunicação apresenta o resultado da verificação dessa hipótese em quatro livros didáticos adotados em escolas públicas e particulares de Salvador-BA entre 2011 e 2013.

**PALAVRAS-CHAVE:** quadrinhos; educação; livro didático

**INTRODUÇÃO**

O projeto que dá suporte a esta comunicação iniciou-se há três anos em uma aula de língua portuguesa para alunos de primeiro semestre de graduação. Na ocasião, para discutir questões relacionadas à diversidade lingüística e à construção da identidade cultural, realizou-se uma atividade de compreensão de textos, entre os quais estava o seguinte trabalho de Lor, premiado no 15º. Salão Internacional de Humor de Piracicaba, em 1988.



Figura 1 – Cartum de Lor, usado em sala de aula para discutir representações do Brasil  
Fonte: PIRACICABA. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003, p. 120.

Em uma turma com cerca de 40 alunos, aproximadamente 50% disseram que não conseguiam entender o texto ou deram respostas que apontavam para a não compreensão do mesmo. Para além das respostas equivocadas, o que realmente deflagrou o projeto foi o depoimento de alguns alunos que disseram ter medo desse tipo de texto, porque sua compreensão implicava uma espécie de desafio mental que eles não se sentiam capazes de empreender. Além disso, alguns deles disseram que o fato de não ter o hábito de ler esse gênero de texto poderia ser uma das razões para a dificuldade em compreendê-lo.

A partir daí construiu-se um projeto de pesquisa, entre cujas etapas está a construção de instrumentos de coleta de dados, destinados a monitorar a compreensão de textos em quadrinhos e a obter informações sobre o interesse e a história de leitura desses alunos em relação aos gêneros em análise. Até agora os questionários, em diferentes versões, foram aplicados em quatro turmas de oficinas de leitura e produção de textos, destinadas a alunos de primeiro semestre de graduação de diferentes áreas de conhecimento, contabilizando 82 informantes.

Entre os instrumentos de coleta de dados, há um questionário intitulado “Perfil do Informante”, no qual se pergunta ao aluno onde ele costuma ler charges, tirinhas, charges e caricaturas. A pergunta é propositalmente ambígua, pois se espera que seja interpretada ou como o suporte onde o gênero é veiculado ou como o espaço onde a pessoa costuma realizar a leitura. Verificou-se nas primeiras coletas de dados que as respostas “escola” e “livro didático” nunca apareciam. O que levou à reformulação do instrumento com a

criação de perguntas específicas sobre o uso dos quadrinhos na escola e no livro didático. A partir das novas questões, obtiveram-se respostas que associam o uso de quadrinhos nas aulas de língua portuguesa ao ensino de gramática, o que por sua vez direcionou o projeto a buscar em livros didáticos de ensino médio o modo como a escola tem usado tiras, charges e cartuns, doravante chamados de *quadrinhos*, nas aulas de português.

### **QUADRINHOS NA PESQUISA E EDUCAÇÃO**

A realização das *2as Jornadas Internacionais de Quadrinhos na ECA-USP* é um sinal de que já se foi o tempo em que pesquisar quadrinhos era considerado lidar com lixo cultural (RAMOS, 2006, p. 1575). Em *Histórias em quadrinhos: um novo objeto de estudos*, Paulo Ramos recupera uma parte fundamental da trajetória das pesquisas sobre os quadrinhos no Brasil, mencionando os primeiros trabalhos realizados na década de 70, quando eles eram praticamente ignorados pelo meio acadêmico, até a retomada das pesquisas sobre o tema, com renovado vigor, a partir da década de 90.

Tomando como *corpus* de análise uma compilação dos estudos sobre o tema, publicados na revista *Estudos Lingüísticos*, vinculada ao GEL, Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, no período de 1995 a 2005, ele observa que no período foram publicados cerca de dez artigos sobre o tema, versando sobre oralidade, gênero, educação e estratégias textuais, discursivas ou semióticas de formação de sentido. E conclui dizendo que o escopo limitado do *corpus* não permite conclusões mais amplas sobre a questão, mas é suficiente para apontar uma tendência: “as histórias em quadrinhos se tornaram um novo objeto de estudos lingüísticos” (RAMOS, 2006, p 1574-83).

Vale citar, como exemplo mais recente da produtividade do tema, alguns trabalhos apresentados no *Seminário de estudos do discurso: verbal, não-verbal, verbo-visual*, realizado de 12 a 14 de novembro de 2012, no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Entre cerca de 135 apresentações (conferências, seminários temáticos, comunicações individuais e pôsteres) 6 tiveram como foco algum dos temas mencionados por Ramos e um outro voltado para a questão de gênero e representação/construção de identidade cultural, como se pode observar no título dos trabalhos: *A construção discursiva da baianidade em charges e tririnhas* (SOUZA, 2012); *A construção do humor e a noção*

*de (im)polidez: uma análise de tiras de Mafalda e de mulheres alteradas* (OLIVEIRA, 2012); *Lendo as entrelinhas da imagem: reflexões sobre o verbal, o não-verbal e o verbo-visual na produção do humor dos cartuns* (SILVA, 2012); *O perfil feminino no discurso da personagem Mafalda* (PEREIRA, 2012); *Personagens infantis de tiras cômicas em suportes diversos: uma questão de circulação, aforização e estereotipia* (GATTI, 2012); *Representações discursivas dos baianos em charges e tirinhas* (ALVAREZ, 2012).

No que tange à educação, também se foi o tempo em que revistas em quadrinhos eram acusadas de seduzir inocentes ou provocar preguiça mental (BARBOSA, 2009, p. 11-16; MOYA; D'ASSUNÇÃO, 2002, p. 49). No texto de Ramos, ele menciona dois fatos que podem ter influenciado as pesquisas sobre os quadrinhos na década de 90 e que, de certa forma, acabaram por levar a linguagem dos quadrinhos para dentro da escola e para a realidade pedagógica do professor: a presença dos quadrinhos nos exames vestibulares e a inclusão da linguagem nas práticas pedagógicas dos Parâmetros Curriculares Nacionais, elaborados pelo governo federal.

Pode-se dizer que o aval das instâncias oficiais de educação incentivou não apenas o uso efetivo dos quadrinhos em sala aula, mas também fez multiplicar os trabalhos voltados para o ensino da linguagem específica dos quadrinhos, o que Valdomiro Vergueiro chama de “alfabetização” (BARBOSA, 2009, p. 31) e para o ensino de outros componentes curriculares com o uso de quadrinhos (Cf. BARBOSA, 2009).

Uma outra iniciativa do governo federal que favoreceu a consolidação do uso de quadrinhos na escola foi a inclusão, na Matriz Curricular de Referência, de habilidades de leitura relacionadas à leitura do gênero. Na versão de 2007, as habilidades que estariam, mais especificamente, relacionadas à linguagem seriam três, representadas pelos descritores: 5- *Desenvolver interpretação: integrando o texto e o material gráfico*, 16 - *Perceber efeitos de ironia ou humor em textos variados* e 17- *Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações*. Obviamente que todas elas podem ser adquiridas através da leitura de outros gêneros, mas o que se quer ressaltar é que os quadrinhos, por sua característica intrínseca de utilizar concomitantemente a linguagem verbal e visual (Cf. EISNER, 1989; McCLOUD, 1994; RAMOS, 2001), são particularmente adequados para a formação de leitores mais eficientes em tais habilidades.

## **QUADRINHOS EM LIVROS DIDÁTICOS**

Uma consequência dessa mudança de atitude em relação aos quadrinhos é sua presença significativa em livros didáticos voltados para todos os níveis de ensino. No âmbito deste trabalho, considera-se essa presença, a princípio, produtiva para a escola e para os quadrinhos. As razões que os tornam valiosos e as maneiras como podem ser utilizados para o ensino de várias áreas de conhecimento já foram compiladas e explicadas, por exemplo, por Waldomiro Vergueiro, Paulo Ramos, Ângela Rama e outros, em *Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula* (Cf. BARBOSA, 2009). A escola, por sua vez, pode ter um papel fundamental na formação de novos leitores de quadrinhos, isso sem falar que o livro didático pode significar um importante suporte para a veiculação do gênero, representando um espaço importante no mercado editorial.

Apesar dessa visão otimista em relação ao encontro do ensino com o quadrinho, o problema que suscitou este trabalho girava em torno da hipótese de que, apesar de sua presença constante na escola, os quadrinhos estariam sendo subutilizados, no sentido de que não estão ali a serviço do ensino da leitura e da linguagem dos quadrinhos, mas a serviço de um ensino de língua portuguesa naquilo que isso pode ter de mais normativo e reacionário, ou seja, um ensino preocupado, principalmente, com a manutenção de regras em desuso e com a ideia de que só há uma maneira única de “falar e escrever corretamente”. Tratava-se obviamente de uma hipótese extrema e esperava-se, pelo bem dos alunos, do ensino de português e dos quadrinhos, que os dados não a confirmassem. Vejamos o que eles dizem.

Tendo como fonte quatro livros didáticos, três destinados ao ensino médio e um ao 7º. ano do ensino fundamental, que estiveram ou estão em uso em colégios públicos e particulares da cidade de Salvador nos últimos três anos, foram compilados dados de ordem quantitativa e qualitativa.

Os primeiros dizem respeito à questão: *Para que os quadrinhos estão sendo utilizados no livro didático?* A resposta foi obtida de maneira muito simples, contando-se a ocorrência de quadrinhos nas seções dos livros, destinadas ao ensino dos principais eixos temáticos nos quais o ensino de língua portuguesa costuma ser dividido. Não se vai entrar aqui na discussão sobre se essa divisão é ou não pertinente, o que se fez foi observar o modo como o conteúdo programático do ensino da língua está organizado nos livros,

identificar alguns eixos principais e resumi-los em dois grandes grupos: um denominado Ensino de Texto, o que inclui conceitos de texto, gênero e discurso, leitura e compreensão de diversos gêneros textuais, conceito de texto literário, história da literatura, principais movimentos literários, produção de diversos gêneros textuais. E o outro foi denominado Ensino de Gramática, o que inclui sintaxe, morfologia, formação lexical, figuras de sintaxe e de pensamento, ortografia, etc.

Essa divisão justifica-se porque ela relaciona-se à questão colocada no título deste trabalho, ou seja, se os quadrinhos estão sendo tratados como um texto *per se* ou estão sendo usados como pretexto para ensinar algum aspecto gramatical da língua. Vale ressaltar que há casos em que há um uso “misto” do quadrinho. Ele vem acompanhado de uma série de atividades sobre a estrutura da língua, sendo que a última é quase sempre: *Explique o humor do texto* ou alguma coisa que o valha. Os casos de uso misto foram computados como sendo Ensino de Gramática. Totalizando-se o número de quadrinhos por tipo de atividade, obtiveram-se os seguintes resultados:

| LIVRO           | ENSINO DE TEXTO | ENSINO DE GRAMÁTICA |
|-----------------|-----------------|---------------------|
| Abaurre, 2008   | 15              | 64                  |
| Alves, 2010     | 11              | 08                  |
| Cereja, 2009    | 10              | 45                  |
| Sarmiento, 2010 | 08              | 55                  |

Tabela 1 – Número de atividades com quadrinhos por tipo de objetivo  
Fonte: ABAURRE, 2008; ALVES, 2010; CEREJA, 2009; SARMENTO, 2010.

Em que pese a exiguidade do *corpus* observado, os dados quantitativos, apesar de sua simplicidade, apontam para o fato de que, nessa amostra, os quadrinhos estão sendo usados principalmente para ensinar gramática. Antes de entrar no aspecto qualitativo da questão, é importante perguntar se isso é interessante para o ensino da gramática e para os quadrinhos. Será que uma tirinha, por exemplo, que é o gênero mais utilizado nos livros observados, por ser tendencialmente curta, por ter um desfecho inesperado, por fazer uso intenso de inferência, por apostar mais no conhecimento compartilhado do que na explicitação de informações (Cf. Ramos, 2011, p.207-208), constituiria o melhor contexto para a análise de aspectos gramaticais como os que se observam nos exemplos abaixo?





Figura 2 – Tira de F. Gonsales, usada em livro didático para ensinar a morfossintaxe do sujeito  
 Fonte: CEREJA; MAGALHÃES. *Português*. São Paulo: Atual, 2009. p.94.

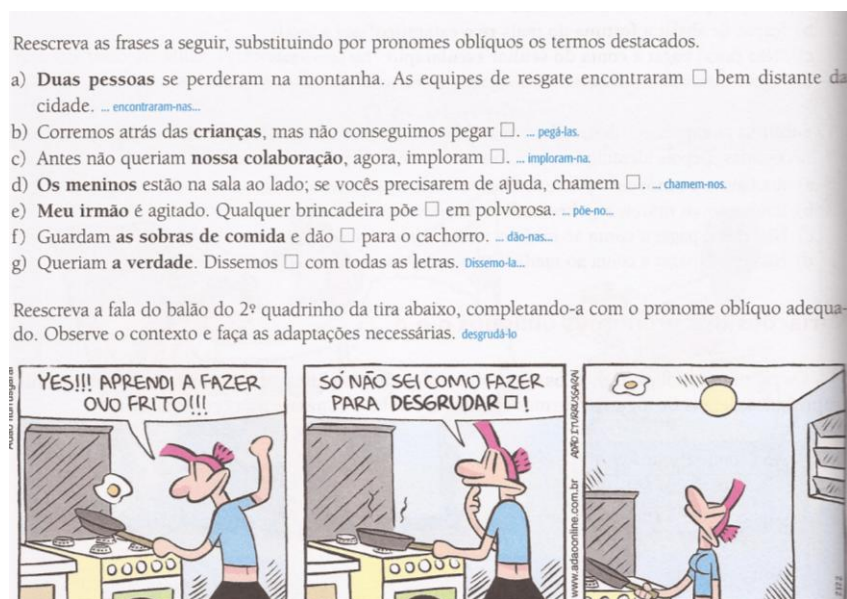


Figura 3 – Tira de A. Iturrusgarai, usada em livro didático para exercitar o uso de pronomes  
 Fonte: CEREJA; MAGALHÃES. *Português*. São Paulo: Atual, 2009. p.164.

Por outro lado, será que a constante associação entre os quadrinhos e a seção de gramática do livro didático é uma boa estratégia para a formação de novos leitores?

Os dados qualitativos, por sua vez, dizem respeito à questão: *Como os quadrinhos estão sendo usados no livro didático?* Ou seja, ela tem a ver com a pertinência do uso dos quadrinhos para as atividades propostas. Como se viu na seção anterior, há muitos casos em que se observa uma certa falta de bom senso no uso dos quadrinhos, uma vez que são utilizados, como já se disse, de maneira duplamente equivocada: ou para atividades que não

exploram as potencialidades de leitura do gênero ou como contexto insuficiente para apreensão de regras de gramática que requerem textos com maior extensão e com informações mais explícitas.

Há, como também se esperava, por outro lado, uma série de atividades nos livros que exploram adequadamente e criativamente os recursos de leitura que o gênero oferece. Há em Abaurre (2008, p. 400-4006), por exemplo, uma seção intitulada *Procedimentos de leitura II: como ler nas entrelinhas*, dedicada a mostrar como o sentido do quadrinho é construído a partir de informações que não estão explícitas e que dependem de ativação de conhecimento de mundo, de articulação de leitura verbal e visual, de estabelecimento de relações intertextuais, entre outras estratégias.

E mesmo quando usado como pretexto, há casos em que isso é feito com muito senso de oportunidade, tirando proveito de algum aspecto linguístico que o próprio quadrinho evidencia, o que se pode observar nos dois exemplos a seguir.



Figura 4 – Tira de Jean, usada em livro didático para exemplificar o uso do hífen  
Fonte: SARMENTO; TUFANO. *Português*. São Paulo: Moderna, 2010. p.309.



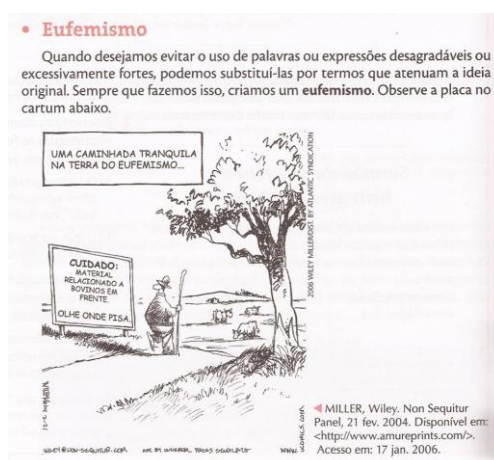


Figura 5 – Cartum de Miller, usado em sala de aula para exemplificar o uso de eufemismo  
Fonte: ABAURRE. *Português*. São Paulo: Moderna, 2008. v.1. p. 302.

Para encerrar essa seção, vale retomar algumas reflexões de Luiz Antônio Marcuschi (1996, 2008) sobre compreensão textual. Parafraseando o autor, pode-se dizer que há *falta de horizonte* na compreensão textual, quando apenas se repete ou copia o que está dito, como se ali houvesse apenas informações objetivas. O *horizonte mínimo* ou *leitura parafrástica* acontece quando se repete com outras palavras as informações contidas no texto. O *horizonte máximo*, por sua vez, é vislumbrado quando se propõem *atividades inferenciais*, ou seja, atividades de geração de sentidos pela reunião de informações do próprio texto, ou pela introdução de informações não contidas no texto, mas que são pertinentes para a o processo de compreensão. A busca do horizonte máximo de compreensão não se limita à paráfrase nem se reduz à repetição, mas consegue ler o que há nas entrelinhas, possibilitando o treinamento do raciocínio lógico, do raciocínio prático, do raciocínio estético, crítico e outros tipos de raciocínio. Há ainda o *horizonte problemático*, que ocorre quando a compreensão extrapola demasiadamente as informações do texto e investe excessivamente em conhecimentos pessoais, e o *horizonte indevido*, que ocorre quando a compreensão não se alinha com o texto, que significa que se adentrou a área da *leitura errada* (MARCUSCHI, 2008, p. 257-260)

Consideram-se essas noções pertinentes para fechar essa pequena amostra da análise de 216 atividades com quadrinhos propostas pelos quatro livros didáticos. Observou-se que, em cerca de um quarto desse total, ou seja, 54 atividades, elas apontam para a falta de horizonte, para o horizonte mínimo ou mesmo para o horizonte indevido. As de horizonte

estreito são as atividades mecânicas, voltadas para o reconhecimento de informações óbvias que chegam a ser quase um desrespeito à criatividade do autor do texto e à inteligência do aluno. As de horizonte indevido são aquelas que propõem atividades que se diria incompatíveis com o ensino de certos tópicos gramaticais, principalmente, pela inadequação do contexto à complexidade da tarefa.

Olhando pelo lado positivo, alguns livros analisados investem no horizonte máximo da compreensão do texto em quadrinhos; a maioria das atividades, neles propostas, respeita as características constituintes dos quadrinhos e delas sabe fazer um uso adequado ao ensino do texto e da gramática.

Mas isso, contudo, não preenche a desproporção mostrada na tabela entre a quantidade de atividades voltadas para o quadrinho enquanto texto e aquelas em que ele é usado como pretexto. Nem tampouco responde se associação entre os quadrinhos e o ensino de gramática, a longo prazo, é saudável para as tiras, charges e cartuns – gêneros que visam ao humor e que, no Brasil, ganharam notoriedade justamente pela crítica ao sistema. Mas isso é assunto para um outro texto.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS OU OS PRAZERES DOS QUADRINHOS**

Em seu trabalho sobre humor e outros atos criativos, Arthur Koestler (1982) propõe alguns critérios para determinar o valor de uma obra humorística. Parte do juízo para decidir se a obra é boa ou ruim é decorrente do gosto e preferência individuais do apreciador, a outra parte é dependente do estilo e da técnica do humorista, o que implica três aspectos: originalidade, ênfase e economia.

Os méritos da originalidade, segundo o autor, são autoevidentes, uma vez que é dela que vem o elemento surpresa, capaz de quebrar a expectativa e provocar o efeito de humor. Mas como a originalidade genuína é muito rara de ser encontrada, ela costuma ser substituída pela ênfase em aspectos estereotipados, hiperbólicos e escatológicos, ou seja, pela simplificação e pelo exagero, que são ingredientes da caricatura. Neste caso, aquilo que é perdido em surpresa é recuperado em emoção.

Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo – 20 a 23.08.2013

Outro estilo de humor mais sutil aposta na economia, não no sentido de brevidade pura e simples, mas na dica implícita em vez da declaração explícita. A alusão oblíqua em lugar do ataque frontal. Um exemplo deste tipo de humor, para Koestler, seria o cartum do *The New Yorker*, no qual se propõe uma espécie de enigma que o leitor deve decifrar, através de inferência e de imaginação, para que possa “ver” a piada. Este tipo de humor tantaliza, provoca o apetite e convida o receptor a fazer um esforço de recriação em busca do efeito de humor proposto no ato de criação (KOESTLER, 1982, p. 341-343).

Guardadas as devidas proporções, as respostas dos informantes da pesquisa para a pergunta *Por que você gosta de ler charges, tirinhas, cartuns?*, do questionário *Perfil do Leitor*, aproximam-se das reflexões de Koestler sobre o prazer de ler cartuns, como se pode ver nos exemplos:

*Gosto muito de cartuns, charges e caricaturas, porque sempre me fazem refletir sobre a sociedade* (Aluna do curso de Gastronomia).

*Tirinhas e charges são engraçadas e transmitem uma mensagem que nos faz refletir* (Aluna do curso de Letras).

*Acho bastante interessante, me faz pensar, raciocinar; tem sempre uma mensagem maior, camuflada. Isso é que mexe comigo* (Aluna do curso de Letras).

*São engraçadas, descontraídas e trazem assuntos e críticas atuais de uma forma interessante* (Aluna do curso de Serviço Social).

*Geralmente tem um humor crítico e uma verdade que requer uma inteligência, um certo esforço que vale a pena* (Aluna do curso de Serviço Social).

*Algumas são engraçadas, intrigantes, e nos fazem refletir sobre alguns assuntos importantes* (Aluna do curso de Serviço Social).

*Geralmente são “acidamente divertidas”* (Aluna do curso de Serviço Social).

*Por ser uma outra forma de linguagem, além de estimular nossa imaginação, inteligência e senso crítico* (Aluno curso de Bacharelado Interdisciplinar com ênfase em Artes).

*Acho uma forma inteligente e diferente de representar ou criticar a realidade* (Aluno do curso de Bacharelado Interdisciplinar com ênfase em Artes).

As reflexões teóricas de Koestler e as reflexões empíricas dos alunos sugerem que o prazer da leitura dos cartuns, tiras e charges aproxima-se do prazer de decifrar um enigma,

Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo – 20 a 23.08.2013

de matar a charada, de sacar a piada. Essas reflexões permitem perceber também a discrepância que existe entre a riqueza de recursos necessária para a produção/recepção desses textos e a natureza mecânica e árida de muitas das atividades propostas por livros didáticos para a leitura desses textos.

Este certamente não é o primeiro nem será o último trabalho a criticar o modo como alguns livros didáticos de língua portuguesa ainda ensinam tão pouco sobre palavras (Cf. ANTUNES, 2012) e textos, usando-os sempre como pretexto para ensinar outra coisa. Exemplo emblemático disso é o uso do poema *Quadrilha (João amava Teresa que amava Raimundo)*, de Carlos Drummond de Andrade, para ensinar pronome relativo (Cf. OLIVEIRA, 2010, p. 177).

Vale ressaltar, como já se afirmou antes, que não se está criticando pura e simplesmente o fato de o texto didático usar textos para ensinar o conteúdo do componente curricular ao qual está vinculado, mas o fato de usá-los *apenas* como pretexto ou usá-los de maneira inadequada. Mostrou-se neste texto que há livros que utilizam os quadrinhos para ensinar o que há de mais mecânico e superficial no estudo da estrutura da língua, o que acaba prestando um triplo desserviço: à própria língua, aos alunos e aos quadrinhos.

Acredita-se, para concluir, que os quadrinhos devem ser lidos pelo simples e puro prazer de ler quadrinhos, mas, se usados como pretexto, isso pode ser feito com maior pertinência, com uma perspectiva mais arejada, ou usando o esquema de Marcuschi, com vistas a horizontes mais amplos. Felizmente esse tipo de uso, pelo menos na amostra analisada, é o que prevalece. Apesar de a maioria de suas atividades com quadrinhos estar voltada para o ensino da gramática, há autores de livros didáticos que compreendem e utilizam a criatividade e a complexidade das tiras, charges e cartuns e, mais importante, acreditam na capacidade do aluno de produzir sentidos e de decifrar o ilustrado enigma.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M; ABAURRE, Maria Bernadete; PONTARA, Marcela. **Português: contexto, interlocução, sentido**. São Paulo: Moderna, 2008. v 1.

ALVES, Roberta Hernandez; MARTIN, Vima Lia. **Língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010 (Projeto Eco Língua portuguesa; v.1).

Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo – 20 a 23.08.2013

ALVAREZ, Palmira Virgínia Bahia Heine. Representações discursivas dos baianos em charges e tirinhas. In: Seminários de estudos do discurso: verbal, não-verbal, verbo-visual (SEDIS), 2012, Salvador – BA. **Caderno de resumos do Seminário de estudos do discurso**, p. 51.

ANTUNES, Irandé. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BARBOSA, Alexandre *et al* (orgs.). **Como usar as histórias quadrinhos em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2009.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português**: linguagens, 7º ano. 5. ed. São Paulo: Atual, 2009.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

EISNER, Will. **Quadrinhos**: arte sequencial. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GATTI, Márcio Antônio. Personagens infantis de tiras cômicas em suportes diversos: uma questão de circulação, aforização e estereotipia; In: Seminários de estudos do discurso: verbal, não-verbal, verbo-visual (SEDIS), 2012, Salvador – BA. **Caderno de resumos do Seminário de estudos do discurso**.

KOESTLER, Arthur. The act of creation. In: **Bricks to Babel**: Selected writings with author's comments. London: Picador, 1982. p. 321-350.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

MANKOFF, Robert. **The naked cartoonist**. New York: Black Dog & Leventhal Publishers, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de ensino de língua? **Em Aberto**, Brasília, ano 16, n.69, jan./mar. 1996. p. 64-82.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MATRIZ Curricular de Referência do SAEB – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica /MEC/INEP. Brasília, 2007.

McCLOUD, Scott. **Understanding comics**: the invisible art. New York: Harper Collins, 1994.

MORIN, Violette. A historieta cômica. In: BARTHES, Roland *et al*. **Análise estrutural da narrativa**: pesquisas semiológicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973. p. 174-200.

MOYA, Álvaro; D'ASSUNÇÃO, Otacílio. Edições maravilhosas: as adaptações literárias em quadrinhos. In: MOYA, Álvaro; CIRNE, Moacy *et al*. (Org.). **Literatura em quadrinhos no Brasil**: acervo da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002. p. 39-79.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber**: a teoria na prática. São Paulo: Parábola. 2010.



Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo – 20 a 23.08.2013

OLIVEIRA, Mônica Lopes Smiderle de. A construção do humor e a noção de (im)polidez : uma análise de tiras de Mafalda e de mulheres alteradas. In: Seminários de estudos do discurso: verbal, não-verbal, verbo-visual (SEDIS), 2012, Salvador – BA. **Caderno de resumos do Seminário de estudos do discurso**, p. 50.

PEREIRA, Luciana de Araújo. O perfil feminino no discurso da personagem Mafalda; In: Seminários de estudos do discurso: verbal, não-verbal, verbo-visual (SEDIS), 2012, Salvador – BA. **Caderno de resumos do Seminário de estudos do discurso**.

PIRACICABA: 30 anos de humor. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Instituto Memorial de Artes Gráficas do Brasil, 2003.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua*: análises linguísticas de piadas. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

RAMOS, Paulo. Histórias em quadrinhos: um novo objeto de estudos. **Estudos Lingüísticos XXXV**. 2006. p. 1574-1583. Disponível em: [www.gel.org.br](http://www.gel.org.br). Acesso em: 15 mar. 2013.

\_\_\_\_\_. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. **Faces do humor**. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011.

SARMENTO, Leila Lauer; TUFANO, Douglas. **Português**: literatura, gramática, produção de texto. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2010. v.1.

SILVA, Alba Valéria Tinoco Alves Silva. Lendo as entrelinhas da imagem: reflexões sobre o verbal, o não-verbal e o verbo-visual na produção do humor dos cartuns. In: Seminários de estudos do discurso: verbal, não-verbal, verbo-visual (SEDIS), 2012, Salvador – BA. **Caderno de resumos do Seminário de estudos do discurso**, p. 28.

SOUZA, Jacilene da Silva. A construção discursiva da baianidade em charges e tririnhas. In: Seminários de estudos do discurso: verbal, não-verbal, verbo-visual (SEDIS), 2012, Salvador – BA. **Caderno de resumos do Seminário de estudos do discurso**, p.31.